

## MEDIAÇÃO E USO DE OBJETO: CONTRIBUIÇÕES DAS NARRATIVAS CRISTÃS EM PFISTER E WINNICOTT\*

Karin Hellen Kepler Wondracek\*\*

### Resumo

Neste artigo queremos destacar o trabalho clínico com a agressão através do pensamento de Oskar Pfister e Donald Winnicott. Queremos apontar as raízes teológicas de alguns de seus conceitos. Na base do conceito de analista como “mediador” (Pfister) e como “objeto de uso externo” (Winnicott) está a narrativa cristã da crucificação e ressurreição, significativa na biografia de ambos. Os terapeutas precisam levar sobre si as dores do paciente, assumindo o lugar das primeiras pessoas que falharam. Ocupando este lugar e sobrevivendo, abrem para a possibilidade de elaboração e superação das primeiras vivências traumáticas e para o uso criativo do objeto. Ao final, apontamos para a fecundidade desse conceito teórico-clínico para o trabalho terapêutico e para as implicações contemporâneas desses conceitos.

**Palavras-chave:** Pfister; Winnicott; Uso de objeto. Narrativas cristãs.

### Abstract

In this article we give accent to Pfister's and Winnicott's clinical work with questions of aggression. We pointed out the theological roots of some concepts: On the basis of the concept of analyst as “mediator” (Pfister) and as “object of external use” (Winnicott) is the Christian narrative of crucifixion and resurrection, significant in both biographies. The therapists must take upon themselves the pain of the patient, taking the place of the first people who failed. As occupying this place and surviving, they open the possibility of development and overcoming early traumatic experiences and the creative use of the object. Finally, we point to fecundity of this concept for the theoretical and clinical therapeutic work, as well as for further research of mutual influence between psychoanalysis and Christian narratives.

**Keywords:** Pfister. Winnicott. Use of an object. Christian narratives

### Introdução

A psicanálise foi criada e desenvolvida por Sigmund Freud (1856-1939), e na sua biografia o pai da psicanálise reconheceu a influência perene do judaísmo e da

---

\* Texto para o I Congresso Internacional da EST, no âmbito do VIII Simpósio de Aconselhamento e Psicologia pastoral.

\*\* Psicóloga e psicanalista, Mestre e Doutora em Teologia; professora adjunta na EST na área de psicologia e aconselhamento, com Projeto de Pesquisa O afeto e seus destinos: sofrimento e subjetividade no horizonte contemporâneo, apoiado pela instituição. Coordenadora dos Grupos de Pesquisa Aconselhamento e Psicologia Pastoral e Fenomenologia da Vida, investigadora do projeto “O que pode um corpo?” (CEFi- EST-USP). E-mail: karinkw@gmail.com.

leitura bíblica da infância<sup>1</sup>. A partir da pesquisa de Betty Fuks nomeamos na tese de doutorado as características do judaísmo que influenciaram a teoria psicanalítica: a convivência com o estranho, o culto a um Deus irrepresentável, a polissemia da interpretação – elementos da religiosidade judaica que migraram para a psicanálise, transmutando-se em abertura ao estranho interior, irrepresentabilidade dos afetos, polissemia de interpretação dos sonhos.<sup>2</sup>

Se esta ponte entre judaísmo e psicanálise já está bem sólida e transitada, não se pode dizer o mesmo da relação entre cristianismo e teoria psicanalítica, especialmente no que toca às influências teóricas. O diálogo psicanálise – narrativas cristãs inicia em 1909 com Oskar Pfister<sup>3</sup>, que começa a construção dessa ponte, através da colocação de vários pilares. As narrativas bíblicas são aproximadas do fazer psicanalítico, mostrando a semelhança entre a ação libertadora de Cristo e a da psicanálise.

Conforme a psicanalista Marie Hoffman, é preciso que psicanálise e cristianismo reconheçam as influências mútuas que receberam. Reconhecimento mútuo não é apenas um termo, mas constitui o eixo da teoria da intersubjetividade de Jessica Benjamin, uma das bases da pesquisa de Hoffman<sup>4</sup>. Se cada vez mais se reconhece o paradigma relacional nas ciências em geral bem como na teologia cristã<sup>5</sup>, este tema se torna relevante para o trabalho terapêutico, especialmente para a compreensão dos alcances curativos da relação terapêutica. Nosso objetivo é apresentar brevemente as ideias de Marie Hoffman, e buscar nos escritos de Pfister e de Winnicott as influências das narrativas cristãs no seu pensamento clínico.

## 1 Reconhecendo as narrativas cristãs na psicanálise: Marie Hoffman

Marie Hoffman comenta que em tempos de objetividades que reduzem o valor do humano, a psicanálise e a teologia são guardiãs do seu mistério, no que

<sup>1</sup> FREUD, Sigmund. (1925) *Um ensaio autobiográfico*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. XX.

<sup>2</sup> FUKS, B. apud WONDRACEK, Karin. **Ser nascido na vida**: a fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. Tese de doutorado. São Leopoldo: EST, 2010, especialmente a seção 6.4.3.

<sup>3</sup> WONDRACEK, Karin H. **O amor e seus destinos**: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise. São Leopoldo: EST;Sinodal, 2005.

<sup>4</sup> HOFFMAN, Marie. **Toward mutual recognition**: relational psychoanalysis and Christian narratives. New York; Londres: Routledge, 2010

<sup>5</sup> LODER, James; NEIDHARDT, W.J. **The Knight's Move**: The Relational Logic of the Spirit in Theology and Science, com o físico W.J.Neidhardt (1992).

curiosamente são acompanhadas pelos avanços das neurociências, que apontam para a complexidade do humano, maior do que anteriormente se supunha<sup>6</sup>.

Mas cristianismo e psicanálise não são apenas separadamente guardiãs desse mistério, mas conservam entre si alguns aspectos que as aparentam, e que para a autora, merecem ser elucidados. Este o objetivo maior do seu livro “*Toward mutual recognition: relational psychoanalysis and Christian narratives*”, que faz um duplo movimento:

1. Resgata as raízes cristãs nos desenvolvimentos teóricos dos pioneiros da psicanálise, como Pfister, Ferenczi, Melanie Klein, Winnicott, Guntrip, Fairbairn entre outros<sup>7</sup> Esta influência é compreendida de duas maneiras: pela influência explícita ou implícita das narrativas cristãs no pensamento dos autores, ou pelo combate a estas narrativas, e a oposição enfática a elas. Seguindo os parâmetros psicanalíticos, os dois modos revelam influência recebida. Sem espaço para maiores explanações, indicamos a sua obra para aprofundamento.

2. O segundo momento da sua obra, que mais nos interessa aqui, está na aproximação entre narrativas cristãs e a clínica. Segundo Hoffman, alicerçada na Fenomenologia do Espírito de Hegel e nos aportes da teoria da intersubjetividade de Jessica Benjamin, é possível aproximar o processo de terapia analítica aos três eixos da revelação cristã: encarnação, crucificação e ressurreição.

O terapeuta num primeiro momento *encarna-se* para o paciente: torna-se presente ao ofertar um lugar para ele dentro da sua subjetividade. Depois, deixa-se, por assim dizer, *crucificar*: através do processo de transferência, levando sobre si as dores do paciente. Se o processo terapêutico suporta esse momento crítico e segue, se o terapeuta “sobrevive” ao ataque e não retalia, há a experiência de gratidão (Klein), que Hoffman aproxima à “*ressurreição*”, à negação da negação (Hegel), à dimensão do espírito com suas potencialidades de criar algo novo<sup>8</sup>.

Veremos a seguir como Pfister e Winnicott, cada um a seu tempo e modo, refletem algo desse processo.

---

<sup>6</sup> HOFFMAN, 2011, sobre pesquisa de Gallese, 2009, p. 27ss e HOFFMAN, 2010, p. 123ss.

<sup>7</sup> HOFFMAN, 2011, especialmente os capítulos 4: Identifying the Christian narrative in early psychoanalysis: Historical perspectives, 7 – Destruction and survival of the Christian narrative in Fairbairn and Winnicott e 10: In grateful memory- The resurrection of Sándor Ferenczi and the renewal of the relational covenant.

<sup>8</sup> HOFFMAN, 2011, p. 151ss.

## 2 Oskar Pfister: o analista mediador

Pfister, um excelente sujeito, é decerto um neurótico, mas não dos piores. Tem uma inteligência estupenda, não teme nada e é temível na defesa de nossa causa. Com ela há de fazer alguma coisa. O quê? Não sei ainda. Essa mistura de teologia e medicina, por estranho que pareça, é do meu agrado.

Freud a Jung, 19 de janeiro de 1909

Freud, que se apropriou criativamente da sua herança judaica, se agradou da apropriação realizada por Pfister de suas próprias heranças. Oskar Pfister (1873-1956), analista e pastor da Igreja Reformada Suíça, foi o primeiro a ver elementos mútuos na análise e na narrativa cristã. Desde o início da sua caminhada analítica percebia-as ambas lutando pelo triunfo do amor e da verdade, contra as algemas da neurose, tanto individual como coletiva. Na primeira carta a Freud, Pfister menciona um importante ponto em comum entre a psicanálise e o protestantismo: a Reforma também retirara a sexualidade do campo das impurezas, ao que Freud responde cunhando a ambos como “protestantes sexuais”<sup>9</sup>.

Várias narrativas cristãs são trazidas por Pfister para dentro da psicanálise: a atitude analítica parece-se com a atitudes de Jesus com os doentes, especialmente como retratada na cura do parálítico; a psicanálise é a “humilde lavadora dos pés da verdade”, numa alusão à pecadora de Lucas 7, que havia compreendido melhor o ministério redentor de Cristo que os letrados fariseus<sup>10</sup>. Também via em Freud o “espírito samaritano” da parábola contada por Jesus, o qual não teme a contaminação com o doente e moribundo, e se inclina para socorrê-lo.<sup>11</sup>

Justamente na atitude *clínica* de Jesus que Pfister embasa sua prática terapêutica e a aproxima da psicanálise. Numa das últimas cartas a Freud escreve que a atitude analítica de não-julgamento está muito próxima à “concepção genuinamente cristã da graça” da parábola do filho pródigo, que mostra uma regressão para a relação entre pais e bebê, “na qual a criança ainda não é tratada

<sup>9</sup> Cartas de Freud a Pfister, em 20.2.1909, Cartas, p. 28.

<sup>10</sup> PFISTER *Wahrheit und Schönheit in der Psychoanalyse*, p. 319 apud Wondracek, 2005, p. 86.

<sup>11</sup> PFISTER, O. *Psychoanalyse und Weltanschauung*, 1928. p. 7. apud Wondracek, 2005, p. 86. Para mais detalhes, remeto à seção 2.2.5 de minha dissertação.

segundo a medida do bem e do mal, mas é simplesmente servida com amor e bondade”<sup>12</sup>. E arremata: “Não existe em toda graça e perdão uma atitude analítica?”

O Bom Samaritano, a pecadora, o pai do Filho pródigo: estes são alguns dos personagens das narrativas cristãs aproximados por Pfister à psicanálise, para explicitar seu caminho de análise-redenção. Tanto na análise como no evangelho, o processo tem movimentos que surpreendem, que trazem à tona o que estava oculto. A raiz comum de Analyse e Erlösung=redenção convida a esse processo.

Nesse processo de redimir-analisar, Pfister aproxima a narrativa cristã da mediação na cruz da atividade analítica. O livro *Wahrheit und Schönheit der Psychoanalyse* [Verdade e beleza da psicanálise] tem o objetivo de mostrar os resultados de cura mediante análise e aproximá-los da redenção cristã. Para isso, traz em detalhes o processo de tratamento da Sra. A, uma senhora de 50 anos, com quadro de queixas múltiplas, entre dores físicas e descargas agressivas<sup>13</sup>. Para nosso objetivo, trazemos apenas um dos sonhos relatados por Pfister: “Certa noite, de repente, fantasia comigo como homem, que, com braços bem abertos, a mantém longe de Deus”.<sup>14</sup>

A Sra. A sente-se perturbada, a ponto de experimentar tonturas. Em associação, lhe ocorre “Cristo na cruz”. Expressa que o tempo da Paixão a perturbava, por perguntar como Deus permite que seu próprio filho sofra tanto e morra. Pfister relata que lhe pedira mais associações sobre o analista de braços abertos; e ela responde que ao colocar todo amor no analista, perde o amor de Deus. “A interpretação não é fácil, comenta Pfister, principalmente porque faltam os elementos mais antigos; o analista recusa os afetos ilusórios e intensivos, a consequência é que o erotismo primário precisa ser sublimado, e para este processo o analista é *mediador*”<sup>15</sup>. E Pfister comenta:

Os braços abertos do analista certamente são tomados da figura de Cristo, já que a mera defesa não justificava a rígida imobilidade dos braços. Também seria grosseiro dar um sentido erótico ao gesto. Somente quando a saudade de Deus fica forte de novo, a fantasia aparece. Por isso, pressupomos desde logo que ela incluía no mínimo um conteúdo religioso. O analista mantém longe de Deus à medida que ele concentra todo amor em si. Assemelha-se nisto também ao crucificado, que ele (como cura de

<sup>12</sup> PFISTER, Carta de 31.7.1930. *Cartas*, 1998, p. 178.

<sup>13</sup> Este caso está sintetizado na seção 2.5 da minha dissertação (Wondracek, 2005, p. 114-137).

<sup>14</sup> PFISTER, 1918, p. 70 “Da phantasierte sie mich in einer Nacht plötzlich als Mann, der sie mit weit ausgebreiteten Armen von Gott abhalte”.

<sup>15</sup> WONDRAECK, 2005, p. 125.

almas) em si deveria ser guia para Deus, mas que atinge o efeito contrário.<sup>16</sup>

Na infância, o choque com a crucificação afastara a Sra. A de Deus; e pela transferência a Pfister a Sra. A elabora seu trauma perante essa narrativa. Comento na dissertação que esse processo abre uma via criativa para trabalhar a religiosidade da paciente e também da sua culpa:

A teologia cristã se faz presente quando Pfister detecta nesta equiparação entre o analista e Cristo uma tarefa transferencial, mas em sentido diverso do que se suporia comumente: pelas associações entre o analista e o crucificado, Pfister resgata a pulsão religiosa, até aqui recalcada. Refere que esta conscientização significa um alívio das cargas do analista, “de forma que calam as dores na consciência, e um objetivo ideal, sublime da inclinação da personalidade toda é conquistado”.<sup>17</sup> Nase comenta que para Pfister, na identificação com Jesus Cristo toda vida pulsional sofre uma transformação, e a elevação à sublimação com eros reduz a carga de transferência sobre o analista: “Nisto sua ligação a Pfister seria compensada em três sentidos: finalizada, preservada, mudada”.<sup>18</sup>

Pela transferência, o analista – *encarnando* as relações afetivas da paciente - atrai sobre si a intensidade das pulsões para então, através da técnica analítica, *mediar* a dissolução do sintoma em direção à cura. É significativo que, para mostrar a verdade e beleza da psicanálise, Pfister justamente escolhe um caso em que aparecem sonhos e associações próximas à cruz porque para a teologia protestante a cruz é o símbolo paradoxal do mais abjeto com o mais harmonioso:

A crucificação é o paradigma para o trabalho com a transferência, através de outro conceito protestante: o de mediador (Vermittler). Tal qual o crucificado encarna simultaneamente o humano e o divino, e com isto está apto para intermediar entre Deus e a humanidade, o analista assume duplo papel que lhe possibilita intermediar o conflito entre as instâncias.<sup>19</sup> (...) Pode-se dizer, então, que a análise (Analyse) da transferência enlaça-se com a redenção (Erlösung) pela cruz. O trabalho sobre o mistério pascal, na Sra. A, inicia com a rejeição da cruz, passando pela estética até a identificação com o crucificado.<sup>20</sup>

Eckhart Nase, em sua tese sobre Pfister, comenta que o processo de mediação também desperta uma transformação no narcisismo da Sra. A.

Deixar “crucificar o seu eu” é abrir mão da imagem grandiosa, é sair da prisão narcisista, da vida nas nuvens, da idealização alienante. Este é o processo da pequena chama azul que se contenta em ser palito de fósforo,

<sup>16</sup> Pfister apud Wondracek, 2005, p. 126.

<sup>17</sup> Pfister apud Wondracek, 2005, p..

<sup>18</sup> NASE apud Wondracek, 2005, p..

<sup>19</sup> Wondracek, 2005, p. 134.

<sup>20</sup> WONDRAČEK, 2005, p. 134.

e em receber uma pequena porção [fragmento de sonho trabalhado]. Ego ideal crucificado, substituído pelo ideal de ego pela identificação. Morte que leva à vida, esta é a mensagem da ressurreição, o parentesco de Analyse – Erlösung.<sup>21</sup>

O trabalho analítico em torno do tema da crucificação, para Nase, tem a função de impedir que a idealização do analista assuma as rédeas e leve o trabalho “para o espaço”. “O crucificado convida menos à fascinação (que pertence à sobrevalorização) do que à identificação com seu ser genuíno (*selbst sein*) e seu auto-sacrifício”.<sup>22</sup>

Para Pfister, a identificação do analista com o crucificado é o momento da saída da idealização e da projeção do traumático. Ou como expressa Hoffman na atualidade: “Em alguma extensão, precisamos nos tornar para nossos pacientes, apesar dos nossos melhores esforços em contrário, uma encarnação em microcosmos dos objetos maus que os feriram em suas vidas”<sup>23</sup> Um legado que o teólogo Thomas Bonhoeffer deixou para os herdeiros de Oskar Pfister:

Fazer valer o significado de Jesus crucificado para o problema da confiança básica e para o problema da culpa. Examiná-los seria: inquirir a ligação especificamente cristã desses dois problemas com sua solução pascal.<sup>24</sup>

A encarnação e mediação também podem ser embasados neurologicamente, expressa Hoffman, como acesso a conteúdos alojados em áreas pré-verbais e não racionais. Sem espaço para explaná-lo aqui, apenas remeto à seu comentário de que “O poder da encarnação que abre a porta para a atualização de um trauma relacional e para sua reparação em tempo real é embasado em nível teológico pela Escritura, e em nível empírico pela neurociência.”<sup>25</sup> Um diálogo necessário e possível na atualidade, que aguarda novos desdobramentos.

### 3 Winnicott entre a crucificação e a ressurreição

*In his poised, dignified, idiosyncratic, and playful manner [Winnicott] was, fundamentally, what could be called a believer in ‘grace’, a grace reflected in his abiding hopefulness, ‘the fuel by which life may advance’*

<sup>21</sup> WONDRACEK, 2005, p. 135.

<sup>22</sup> NASE, p. 353 apud Wondracek, 2005, p. 135.

<sup>23</sup> HOFFMAN, 2010. Incarnation, Crucifixion, and Resurrection in psychoanalytical Thought. **Journal of Psychology and Christianity**. 2010, vol 29, n. 2, p. 126.

<sup>24</sup> BONHOEFFER apud Wondracek, 2005, p. 96.

<sup>25</sup> HOFFMAN, 2011, p. 126.

*Goldman and Rodman apud Hoffman, 2011, p. 144.*

Entre os vários elementos da teoria winnicottiana a relacionar com narrativas cristãs, tarefa ainda pouco feita em nosso contexto<sup>26</sup>, escolheremos o conceito de “uso de objeto”. Em 1969, no seu último tempo de vida, Winnicott apresentou perante a Sociedade Psicanalítica de Nova Iorque o tema “O uso de um objeto”<sup>27</sup>, ressaltando que se trata de uma contribuição de sua maturidade como analista, importante para o bom término de um processo analítico. Nesse texto estabelece uma nítida diferença com a “relação de objeto”, e a nomeia como fase precursora do “uso do objeto”. Para usar um objeto, o sujeito deve desenvolver a capacidade de uso, e isso acontece quando o sujeito consegue colocar o objeto fora do seu controle onipotente. Segundo Winnicott, isso equivale à “percepção, pelo sujeito, do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva; na verdade, o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito.”<sup>28</sup>

No entanto, o processo de “colocar fora” acontece mediante o que Winnicott chama de “destruição do objeto”, num paradoxo no qual o objeto sobrevive a essa destruição:

O sujeito diz ao objeto: ‘Eu te destruí’, e o *objeto ali está*, recebendo a comunicação. Daí por diante, o sujeito diz: ‘Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente)’.<sup>29</sup>

A psicanalista winnicottiana Elsa de Oliveira Dias comenta a importância vital que Winnicott dá ao emprego da palavra ‘destruição’:

Em primeiro lugar, devido ao impulso real do bebê de destruir (sem raiva), que em geral é efetivado por ocasião da relação excitada com o objeto ainda subjetivo, mas, sobretudo, devido à possibilidade de o ambiente

<sup>26</sup> Desde 2004 Marie Hoffman escreve sobre fontes documentais suficientes para relacionar a construção teórica de Winnicott com a presença de narrativas cristãs: “Therefore, this paper documents those religious influences, including but not limited to family and personal church involvement, as well as scholarly influences both philosophical and psychoanalytic. Special attention is given to chronologies that position these theorists geographically and temporally with other influential thinkers and writers who were religiously committed. Samples of Fairbairn and Winnicott’s extraprofessional writing, revealing their extensively developed religious thought lives, are presented as additional evidence of the impact of these narratives.”

<sup>27</sup> Apresentado em 12 de novembro de 1969, originalmente publicado no *International Journal of Psycho-Analysis*, vol 50 (1969). In: WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<sup>28</sup> WINNICOTT, 1975, p. 125.

<sup>29</sup> WINNICOTT, 1975, p. 125. O grifo é meu.

(mãe) não sobreviver à destruição. *Se o ambiente sobreviver, a destruição transforma-se, para o bebê, na experiência da possibilidade de destruir (agredir), ou seja, na integração da destrutividade como um aspecto da sua potência, o objeto sendo agora visto como seguro para ser usado excitadamente.*<sup>30</sup>

O grande valor desse processo está na percepção de que o outro sobreviveu aos 'ataques' e que a vida dele independe da excitação agressiva do sujeito; isso traz ao sujeito uma liberdade de viver e conviver, pois sua agressão não é ameaça para o outro. O objeto que sobreviveu agora pode ser usado criativamente.

Em outras palavras, devido à sobrevivência do objeto, o sujeito pode agora começar a viver uma vida no mundo dos objetos e, assim, vem a lucrar imensuravelmente; mas o preço tem de ser pago na aceitação da destruição em progresso na fantasia inconsciente com respeito à relação de objeto.<sup>31</sup>

O mundo externo terá início se o objeto lá continuar; mas se permanecer destruído – seja por retaliar ou por sucumbir – “o bebê perde o apoio, o seu impulso de uso excitado fica perigoso, e, desse modo, a nova fase de relacionamento objetal não tem início”.<sup>32</sup> Em consequência, ele terá de permanecer num mundo fruto de suas projeções, ou seja, de sua subjetividade e assim esta é percebida como ameaçadora à vida e não pode ser usada criativamente.

Para Marie Hoffman aqui Winnicott trouxe para dentro da teoria psicanalítica, de modo mais nítido, a sua teologia wesleyana da juventude<sup>33</sup>: o objeto (mãe, analista) precisa suportar a destruição [movimento de crucificação] e sobreviver [movimento de ressurreição]. Ao fazer isso, abre para o bebê a possibilidade de vida, assim como o Cristo pelo seu sacrifício abre a perspectiva da vida eterna.

Sem essa experiência de destruição e sobrevivência, expressa Winnicott, o bebê fica preso às suas projeções, num círculo mortífero que reafirma seu poder de destruir para sempre. Na teologia cristã, sem o “poder da ressurreição” não há libertação do domínio da morte. É a ressurreição que “mata a morte”, retirando seu poder aniquilatório.

Assim como Cristo expressa ser necessário que passe pela morte para cumprir a tarefa da redenção, Winnicott enfatiza que o analista precisa permitir que

<sup>30</sup> DIAS, Elsa de Oliveira. Winnicott em Nova Iorque: um exemplo da incomunicabilidade entre paradigmas. *Natureza Humana* 7(1): 179-206, jan.-jun. 2005.

<sup>31</sup> WINNICOTT, 1975, p. 126.

<sup>32</sup> DIAS, 2005, p. 186.

<sup>33</sup> HOFFMAN, 2010, p. 126.

aconteça a sua ‘destruição’ e ‘sobrevivência’, com o objetivo de permitir o acesso do paciente à sua própria capacidade criativa.

O processo de “morte-vida” também se cumpre na renúncia ao saber e na reconsideração do papel das interpretações: na introdução da sua conferência escreve que o uso do objeto-terapeuta também se dá pela diminuição de sua necessidade de produzir interpretações:

Estarrece-me pensar *quanta mudança profunda impedi*, ou retardei, em pacientes de certa categoria de classificação pela minha necessidade pessoal de interpretar. Se pudermos esperar, o paciente chegará à compreensão criativamente, e com imensa alegria; hoje posso fruir mais prazer nessa alegria do que costumava com o sentimento de ter sido arguto. *Ao interpretar, acredito que o faço principalmente no intuito de deixar o paciente conhecer os limites da minha compreensão.* Trata-se de partir do princípio de que é o paciente, e apenas ele, que tem as respostas.<sup>34</sup>

Aqui ousou esboçar que Winnicott pode ser aproximado à descrição de Filipenses 2 do processo de esvaziamento do Redentor na Kenosis<sup>35</sup>: *não tirar proveito da sua condição, deixar de lado os privilégios, assumir a condição de servo ... até a morte abnegada e obediente, morte de cruz.* Baseando-se na pesquisa de Rodman, Hoffman afirma que Winnicott identificou-se com Jesus, especialmente nos seus últimos anos de vida: “A fascinação de Winnicott por Jesus ocorreu concomitantemente com seu trabalho final *O uso do objeto*, que detalha a destruição e a sobrevivência do objeto.”<sup>36</sup>

Esta identificação pode estar implícita nessas afirmações: é pelo esvaziamento de si, pela renúncia a seu saber interpretativo, que o paciente encontrará a sua palavra viva. Nesta fase de análise, “morrendo” o analista-que-sabe, surge o paciente sabedor de si. Através de permitir sua “destruição e sobrevivência”, o analista doa ao paciente sua capacidade criativa: “*Podemos ou*

<sup>34</sup> WINNICOTT, 1975, p. 122. O grifo é meu.

<sup>35</sup> Filipenses 2. 5-8. “Tentem pensar como Jesus Cristo pensava. Mesmo em condição de igualdade com Deus, Jesus nunca pensou em tirar proveito dessa condição, de modo algum. Quando sua hora chegou, ele deixou de lado os privilégios da divindade e assumiu a condição de escravo, tornando-se *humano!* E, depois disso, permaneceu humano. Foi sua hora de humilhação. Ele não exigiu privilégios especiais, mas viveu uma vida abnegada e obediente, tendo também uma morte abnegada e obediente – e da pior forma; a crucificação. Por causa dessa obediência, Deus o exaltou e honrou muito acima e além de todos, para que todos os seres criados, no céu e na terra – até aqueles há muito mortos e enterrados -, se curvem em adoração na presença de Jesus Cristo e proclamem, por meio do louvor, que Le é o Senhor de todos, para a gloriosa honra de Deus Pai.” Tradução de Eugene Peterson.

<sup>36</sup> HOFFMAN, 2011, p. 133. Baseado em Rodman, F.R. Winnicott: life and work. Cambridge: Perseus, 2003.

*não torná-lo apto a abranger o que é conhecido, ou disso tornar-se ciente, com aceitação*<sup>37</sup>. A vivência do processo de destruição-sobrevivência se torna base para outras experiências paradoxais de morte-vida, culpa-reparação.<sup>38</sup>

### Considerações finais

Pfister e Winnicott são dois exemplos da contribuição das narrativas cristãs à psicanálise. Cremos que são fecundas especialmente para o estudo da culpa, pois sua teologia oferece um paradigma para a mediação dos impulsos destrutivos e da sobrevivência apesar da agressão. Se em Pfister estes aspectos ainda foram considerados por muitos como “contaminação” do seu fazer pastoral, na teoria tardia de Winnicott essa contribuição mostra todo seu potencial criativo.

Em ambos, vê-se que o lugar de analista precisa continuar como lugar do humano e do provisório. Se em Pfister a simbologia cristã está mais explícita, em Winnicott mais implícita. Mas nos dois é na consideração das narrativas sobre o divino que se encontra a compreensão do humano: aqui nos remetemos à obra interdisciplinar de James Loder, que expressa que o ser humano é a imagem de alguém fora dele mesmo, e sua contradição e vazio podem ser abraçados e tornados compreensíveis pelo paradoxo redentor da morte que gera vida.<sup>39</sup>

Winnicott, ao apresentar suas colocações na Sociedade Psicanalítica de Nova Iorque, foi mal compreendido. Elsa Dias comenta que no paradigma psicanalítico tradicional suas colocações não eram compreensíveis, pois retira a agressividade de um movimento puramente instintual, colocando-a como maturacional, necessária para o desenvolvimento do indivíduo. Mais um motivo para elucidar a origem de suas ideias.

Ambos, Pfister e Winnicott, têm no horizonte do seu fazer clínico a dimensão da cruz, do esvaziamento de si como processo de chegar à vida. Novamente remete-nos à kenosis, à busca do mesmo sentimento de esvaziamento do Cristo.

<sup>37</sup> WINNICOTT, 1975, p. 122.

<sup>38</sup> Num diálogo entre terapia e narrativas cristãs, o psiquiatra Carlos Hernández criou o conceito de “Biologia da ressurreição”, para significar a capacidade criativa que se origina nessa experiência. Hernández, C. Creio na ressurreição dos mortos.. e na comunhão dos santos. In: HOCH, L. C.; WONDRACEK, K. **Bioética: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar**. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2006, p. 85-87. Também Quadro “Biologia da ressurreição” na **Bíblia Conselheira**. Barueri: SBB, 2011, p. 226.

<sup>39</sup> LODER, James. **The logic of the spirit: human development in theological perspective**. São Francisco: Jossey-Bass, 1998.

O psiquiatra Carlos Hernández comenta que é preciso considerar a questão estética na *Kenosis*: há um desapego em oposição ao apego aos títulos e aos saberes. Há um desnudamento da carne, no qual Jesus Cristo, totalmente Deus e totalmente homem, se revela nascido de mulher como nós, e assim nos afeta em nossa carne, e nos constitui.

Luego, kenosis no es tanto una imagen visible. Es la proximidad irreductible de la Vida. Es ser estrictamente consciente de nuestra desnudez ante el otro, es la implacable disposición de pronunciar "heme aquí". Es el gesto pasivo que liquida todo temor en el otro y que lo anima a visitarme en mi cuerpo con una libertad nunca antes imaginada.

En este desvestirse se arrojan todas las armas, todos los títulos, todos los tatuajes, es decir, todas las defensas. (...) Lo único que la vida recibe, porque lo otro (las prótesis, los títulos, los locus etc) siempre son absolutamente extraños a la Vida!<sup>40</sup>

Após o esvaziamento, a vida. Segundo Michel Henry, justamente as narrativas cristãs fornecem o paradigma para compreender a condição humana nos seus paradoxos. E segundo Loder e Hoffman, as narrativas cristãs fornecem a teia relacional da vida, em todas as suas manifestações.

No trabalho de Pfister e Winnicott temos exemplos da fertilidade dessa influência, o que convida para maiores investigações interdisciplinares. Não no sentido de forçar a aproximação, mas de 'mútuo reconhecimento'. Tal como aconteceu com o judaísmo de Freud, latente na psicanálise, também as narrativas cristãs podem contribuir para ampliar a compreensão da condição humana. e, segundo James Loder<sup>41</sup>, com alcances para dentro da epistemologia e da ciência. Temos aí campos maduros para trabalhar!

## Referências

**Bíblia Conselheira.** Kepler, Karl (Ed). Barueri: SBB, 2011.

DIAS, Elsa de Oliveira. Winnicott em Nova Iorque: um exemplo da incomunicabilidade entre paradigmas. **Natureza Humana** 7(1): 179-206, jan.-jun. 2005.

<sup>40</sup> Comunicação por e-mail em 31 de julho de 2012.

<sup>41</sup> WONDRACEK, K; REHBEIN, M.; CARTELL, L. **Desenvolvimento humano na lógica do espírito: Introdução às ideias de James E. Loder.** Joinville: Grafar, 2012. LODER, James. *The logic of the spirit.* São Francisco: Jossey-Bass, 1998.

FREUD, Sigmund.(1925) *Um ensaio autobiográfico*. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, vol. XX.

FREUD, Ernst; MENG, Heinrich (Orgs.). **Cartas entre Freud e Pfister**: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Tradução de Karin H. K. Wondracek e Ditmar Junge. Viçosa: Ultimato, 1998.

HOCH, L. C.; WONDRAECK, k. **Bioética**: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar. São Leopoldo: Sinodal-EST, 2006.

HOFFMAN, Marie. From Enemy Combatant to Strange Bedfellow: The Role of Religious Narratives in the Work of W. R. D. Fairbairn and D. W. Winnicott. **Psychoanalytic Dialogues**, 14(6):769–804, 2004.

HOFFMAN, Marie. Incarnation, Crucifixion, and Resurrection in psychoanalytical Thought. **Journal of Psychology and Christianity**. 2010, vol 29, n. 2, 121-129. P. 126.

HOFFMAN, Marie. **Toward mutual recognition**: relational psychoanalysis and Christian narratives. New York; Londres: Routledge, 2011.

LODER, James. **The logic of the spirit**: human development in theological perspective. São Francisco: Jossey-Bass, 1998.

PETERSON, Eugene. **A mensagem**: Bíblia em linguagem contemporânea. São Paulo: Vida, 2010.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WONDRAECK, Karin H. K. **O amor e seus destinos**: a contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise. São Leopoldo : Sinodal-EST, 2005.

WONDRAECK, Karin H. K. **Ser nascido da Vida**: A Fenomenologia da Vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. Tese de doutorado. São Leopoldo: PPG-EST, 2010.

WONDRAECK, K; REHBEIN, M.; CARTELL, L. **Desenvolvimento humano na lógica do espírito**: Introdução às ideias de James E. Loder. Joinville: Grafar, 2012.